

## A GESTÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO ENTRE AS MULHERES EXECUTIVAS

Um exemplo de combinação de dados de uma pesquisa de  
Usos do Tempo com metodologia qualitativa

---

*Rafaela Cyrino*

### **Introdução**

A organização tradicional da família e o modelo do homem “chefe da família” e da mulher “dona de casa” sustenta-se em uma ideologia baseada em uma rígida divisão sexual do trabalho entre os casais, cujo ápice se desenvolveu no contexto da revolução industrial, mais precisamente no fim do século XIX (Blunden, 1982). A entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, ao longo do século XX, alterou de maneira importante as configurações familiares, embora os estudos mostrem a persistência de certo tradicionalismo nas relações de gênero no que se refere à divisão do trabalho doméstico (Souza, 2010). Considerando-se que a organização temporal varia de acordo com as condições sociais, este estudo busca compreender como a relação entre a carreira e a organização da vida cotidiana se configura no caso das mulheres executivas.

Pesquisas indicam que a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho muitas vezes ocorre através da identificação do trabalho feminino como algo “complementar” no seio da família (Feldberg; Glenn, 1979), ideia que mantém, de certa forma, a figura do homem como o “chefe da família” ou como o principal provedor. Bruschini (2000), ao analisar a evolução do trabalho feminino na sociedade brasileira, considera que a persistência da responsabilidade das mulheres pelos cuidados com a casa e a família é um dos fatores determinantes da posição secundária ocupada por elas no mercado de trabalho.

Ora, no caso das mulheres executivas, deste estudo, a figura do homem

como principal provedor não pode ser sustentada, já que estas ganham tanto quanto ou mais que os seus cônjuges. Entretanto, embora a associação do homem ao provedor não possa ser aqui sustentada do ponto de vista financeiro, será que a associação da mulher executiva à figura da “dona de casa” ou da “administradora do lar” sofre alterações?

Neste sentido, o interesse em estudar a questão dos Usos do Tempo entre as mulheres executivas advém do fato de considerar-se que estas representam um dos observatórios importantes para a análise das possíveis recomposições das relações de gênero na nossa sociedade. Até que ponto a ocupação de postos de direção por mulheres pode alterar uma dinâmica familiar centrada na figura da mulher como administradora do lar?

Cumpram aqui ressaltar que a discussão sobre a vida profissional das mulheres centra-se frequentemente na questão da “conciliação” entre a carreira e a família. De fato, a ideia de conciliação tem um conteúdo fortemente sexuado, pois “conciliar” o trabalho e a família é uma responsabilidade creditada frequentemente às mulheres e não aos homens (Cacouault-Bitaud, 2003). Caberia a elas, mulheres e mães, articular o trabalho doméstico com o assalariado, conciliar a carreira com a vida familiar. A carreira dos homens, por outro lado, é pensada de maneira mais independente. Autores como Derr (1986) demonstram de que maneira a carreira de homens executivos é vista de forma independente da vida familiar graças à presença frequente de uma esposa que assegura a administração da casa e o cuidado os filhos.

No caso das mulheres executivas, várias questões se colocam: como a ideia de “conciliação” entre trabalho e família é concebida e vivenciada no grupo familiar? Como o trabalho doméstico é dividido e como os indivíduos percebem e interpretam esta divisão? Que crenças e suposições participam do processo de construção da divisão do trabalho doméstico no seio da família? De que maneira aspectos simbólicos ajudam a explicar a experiência de articulação entre trabalho e família das mulheres executivas?

### **A dimensão simbólica da realidade social e as pesquisas de Usos do Tempo**

As pesquisas de Usos do Tempo possuem um papel fundamental no processo de compreensão da dinâmica social, ao revelarem os ritmos predominantes de uma sociedade e o tempo devotado, por diferentes grupos sociais, ao trabalho, ao lazer, à família etc. Tais pesquisas contribuem de maneira importante para o processo de desvelamento de realidades desiguais, como é o caso da divisão do trabalho doméstico entre os membros de uma família. Autores

como De Singly (2007), Dedecca (2004), entre outros, utilizaram-se de pesquisas de Usos do Tempo para medir o tempo devotado pelos indivíduos em tarefas domésticas, mostrando o caráter de extensividade e invisibilidade do trabalho doméstico, associado prioritariamente às mulheres.

De fato, os estudos indicam uma desigualdade de gênero que persiste, tanto no espaço doméstico quanto no espaço profissional (Bruschini, 2004; Charles et al, 2004). No mercado de trabalho as mulheres são cada vez mais raras à medida que se sobe na hierarquia organizacional (Laufer, 2004), e as desigualdades salariais entre homens e mulheres permanecem importantes. No espaço doméstico, as mulheres, embora presentes no mercado de trabalho, continuam assumindo a maior parte das tarefas domésticas (Fougeyrollas-Schwebel, 1996; Cappelin, 2005). Um estudo comparativo sobre Usos do Tempo em 22 países (Fischer; Robson, 2010) evidenciou que, em 15 países, as mulheres gastam mais tempo com o trabalho, considerado em sua totalidade, do que os homens. O tempo total gasto com trabalho inclui o trabalho remunerado, doméstico, parental, voluntário, entre outros.

Embora as pesquisas de Usos do Tempo possuam uma considerável aplicação quantitativa, ao permitirem a mensuração do tempo alocado, em minutos, pelos indivíduos em diversas atividades, autores como Shaw (1986) e Pentland *et al* (1999) já salientaram a importância de se associarem variáveis contextuais e subjetivas que permitam uma melhor compreensão da maneira como o “tempo” é alocado, bem como do significado subjetivo que as diversas atividades possuem para os indivíduos. Desta maneira, o avanço metodológico destas pesquisas permite, hoje, a coleta de informações contextuais (natureza das tarefas, contexto social e físico etc) e subjetivas (nível de estresse experimentado, satisfação percebida).

Estas informações contextuais e subjetivas são importantes na análise dos dados visto que o fenômeno do tempo é uma “construção social” (Elias, 1998) plenamente articulada com a questão da organização da vida cotidiana e com a maneira como os indivíduos concebem sua própria realidade social. Entretanto, cabe se questionar se a inclusão de questões contextuais e perceptivas nos episódios dos diários é suficiente para a compreensão das crenças, valores, necessidades e motivações que ajudam a explicar a configuração de uma determinada realidade social.

Se as pesquisas de Usos do Tempo de grande amplitude fornecem um material inestimável para a compreensão dos ritmos sociais predominantes em uma sociedade, bem como das diferenças demográficas maiores em uma população no que se refere à utilização do tempo social, torna-se importante estimular, de maneira paralela e complementar, estudos que combinem dados coletados em pesquisas de Usos do Tempo com metodologias mais qualitativas.

Tais pesquisas que utilizam uma metodologia mista, mesmo sendo de menor amplitude, podem contribuir no sentido de evidenciar “pontos obscuros”, indicando questões a serem pesquisadas e fortalecendo o diálogo entre as disciplinas.

Nesta pesquisa, optou-se por uma análise que combinasse dados quantitativos, referentes à alocação temporal das mulheres executivas e seus cônjuges, com aspectos qualitativos, referentes à percepção que os indivíduos possuem desta alocação temporal e às justificativas que são acionadas no sentido de tornar a realidade compreensível. Conforme será mostrado a seguir, tal opção metodológica revelou-se extremamente fecunda ao revelar tanto aspectos materiais da realidade social quanto aspectos simbólicos que participam da organização da vida cotidiana dos indivíduos.

De fato, embora a desigualdade de gênero seja permanentemente mostrada através das pesquisas, resta a explorar, de maneira mais sistemática, o suporte “simbólico”, ou seja, as crenças e as ideias ligadas ao gênero. Conforme enfatizou Scott (1997), as normas e regras de comportamento que uma sociedade constrói em torno do masculino e do feminino expressam relações de poder e implicam em uma determinada organização social da relação entre os sexos.

Helga Nowotny (1989) abordou aspectos importantes referentes ao gênero e às diferentes concepções de temporalidade que existem na sociedade. A autora afirma que existe uma diferença entre o tempo padrão, representado pelo relógio, e o tempo subjetivo. Este último é expresso de maneiras diversificadas, de acordo com as demandas pessoais, grupais, sociais e contextuais. Assim, se é incontestável que o dia tem 24 horas e que estas 24 horas são invariáveis, independentemente do indivíduo, a maneira como as pessoas gastam, concebem, interpretam e se relacionam com este tempo é variável e depende de uma série de fatores. Homens e mulheres, por exemplo, podem ter uma concepção de tempo bastante diferenciada.

Tais diferenças perceptivas podem ajudar a explicar a maneira como os indivíduos constroem a sua própria temporalidade e organizam a sua vida cotidiana. Hirata (1996), por exemplo, afirma que o tempo de trabalho doméstico estrutura o tempo das mulheres. Para uma melhor compreensão deste possível caráter estruturante do doméstico na organização da vida cotidiana das mulheres, as pesquisas de Usos do Tempo podem contribuir revelando aspectos como o ritmo, a frequência e a rigidez em que tais atividades se inserem na vida cotidiana de homens e mulheres. Entretanto, se as pesquisas de Usos do Tempo podem fornecer medidas precisas referentes à alocação diferencial de tempo em diversas atividades ao longo de um dia, para uma melhor compreensão deste caráter estruturante do trabalho doméstico é fundamental a utilização de métodos que permitam a análise de variáveis qualitativas relativas à percepção, às crenças e ao substrato simbólico associado a tal realidade.

Por isto, na análise da questão da divisão do trabalho doméstico no caso das mulheres executivas, interessa-nos, além da dimensão material, a dimensão simbólica que organiza as relações sociais entre os sexos. Esta dimensão simbólica nos remete às crenças que funcionam de maneira a legitimar e manter as posições materiais assimétricas entre os sexos (Tahon, 2004). Enquanto a dimensão material das relações de gênero indica a persistência de situações de desigualdade, com as mulheres executivas trabalhando, em média, mais do que seus cônjuges e continuando a assumir a responsabilidade principal pela gestão do cotidiano familiar e pelas tarefas parentais, a dimensão simbólica nos ajuda a compreender a base ideológica que sustenta tal realidade.

Em síntese, considera-se, aqui, que os aspectos simbólicos que contribuem para tornar o gênero algo “natural”, são importantes e devem ser analisados, visto que a divisão sexual do trabalho se sustenta, entre outros, através de um sistema de crenças que pode, inclusive, justificar uma realidade social desigual. Neste sentido, considera-se que o cruzamento de dados coletados em pesquisas de Usos do Tempo com abordagens mais qualitativas contribui para uma visão mais abrangente da realidade social, em termos de complexidade e diversidade.

### **Metodologia utilizada no estudo**

Buscando compreender a questão da articulação entre o trabalho profissional e o trabalho doméstico do ponto de vista da dinâmica familiar, realizou-se, no ano de 2007, uma pesquisa com 47 executivas que trabalham em grandes empresas da Região Metropolitana de Belo Horizonte e 20 cônjuges, de um total de 34. As executivas entrevistadas pertencem aos seguintes níveis hierárquicos: 9% possuem cargos de presidência, 32% possuem cargos de diretoria e 59% possuem cargos de gerência. A grande maioria das executivas (66%) vive com um companheiro, e 72% possuem pelo menos um filho (Cyrino, 2010).

Para compreender esta realidade aplicou-se a metodologia de Usos do Tempo para uma avaliação mais precisa da organização da vida doméstica, da gestão do tempo e da distribuição de tarefas no âmbito privado. Foi solicitado às mulheres executivas e aos seus cônjuges o preenchimento de dois diários: um diário, em um dia de semana, e outro, em um dia de fim de semana. O preenchimento do diário permitiu uma avaliação mais precisa acerca da organização da vida doméstica, da gestão do tempo e da distribuição de tarefas no âmbito privado.

Considerou-se, nesta pesquisa, a existência de 4 tempos sociais, a partir de uma adaptação das propostas de Françoise Dumontier e Jean-Louis Pan Ké Shon (2000) e de Neuma Aguiar (2000), a saber: o tempo para cuidados pessoais,

o qual compreende as atividades de comer, dormir, lavar-se e vestir-se; o tempo profissional, o qual compreende o tempo gasto com trabalho remunerado e estudo; o tempo doméstico, o qual compreende as atividades definidas como "cuidados com domicílio e a família", tais como cozinhar, lavar, fazer compras, gerenciar o domicílio, cuidar das crianças; o tempo livre, o qual compreende as atividades definidas como vida social e lazer, esportes e atividades ao ar livre, *hobbies*, meios de comunicação de massa.

Os participantes responderam também a um questionário, e entrevistas foram realizadas com as mulheres executivas e com os cônjuges que se dispuseram a participar da pesquisa. Estas entrevistas foram fundamentais para a compreensão da dinâmica familiar e da maneira como o trabalho doméstico é concebido e vivenciado pelos indivíduos. De grande relevância foi o confronto dos dados coletados através da pesquisa de Usos do Tempo com as informações obtidas através das entrevistas com os membros do grupo doméstico.

### **Apresentação dos resultados e discussão**

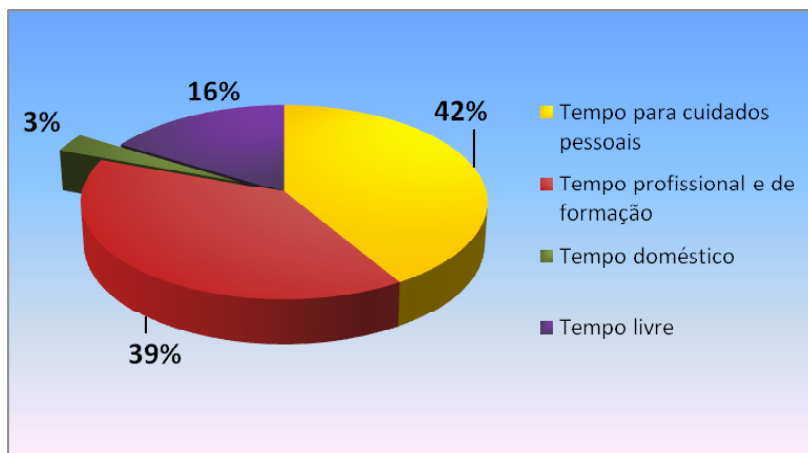
A análise dos diários de Usos do Tempo preenchidos pelas mulheres executivas nos permitiu uma melhor compreensão de como estas utilizam seu tempo em um dia de semana e em um dia de fim de semana. Os dados dos diários mostram que, em termos de minutos, a distribuição dos tempos sociais em um dia da semana se dá da seguinte forma: o tempo majoritário é o tempo para cuidados pessoais, em torno de 9 horas e 55 minutos. Em seguida o tempo profissional, em torno de 9 horas e 26 minutos; depois, o tempo livre, em torno de 3 horas e 54 minutos e, por último, o tempo doméstico, em torno de 45 minutos.

**Tabela 01 – Distribuição de usos do tempo em dia de semana para executivas (n= 43)**

	Tempo cuidados pessoais	Tempo profissional e de formação	Tempo doméstico	Tempo livre
Média(em minutos)	595	566	45	234
Desvio Padrão	108,48	182,34	111,35	148,76

Fonte: Cyrino, 2010, p. 192.

### Gráfico 01- Distribuição de usos do tempo em um dia de semana para executivas (n=43)



Fonte: Cyrino, 2010, p. 193.

Estes resultados mostram uma distribuição de usos do tempo entre as mulheres executivas em que o tempo livre é mais significativo, em termos de minutos, do que o tempo doméstico, este de caráter residual. Tal situação é incomum do ponto de vista das pesquisas de Usos do Tempo. Uma pesquisa de Usos do Tempo realizada em Belo Horizonte sob a coordenação de Neuma Aguiar (2001), mostrou que o tempo livre, para as mulheres da cidade de Belo Horizonte, é o tempo residual, e que o tempo doméstico gira em torno de 2 horas e 30 minutos por dia para as mulheres. Ora, no caso das mulheres executivas, observou-se que o tempo doméstico é que é residual, ao mesmo tempo em que o tempo de lazer adquire uma maior importância, em termos de duração.

#### O significado do tempo doméstico residual

O tempo de 45 minutos diários dedicado ao trabalho doméstico, nitidamente minoritário, foi abordado de maneira recorrente pelas executivas na situação de entrevista. De maneira geral, estas afirmaram que os afazeres domésticos mais rotineiros não fazem parte da sua realidade cotidiana, porque consideram que não há tempo disponível no dia a dia para a realização do trabalho doméstico rotineiro. Uma das executivas afirma: “Não dá para sobrar tarefa

doméstica para mim. Saio de casa às 7:00 e volto às 20:00hs. Meu filho pequeno dorme por volta das 21:30hs. Então não dá para sobrar tarefa doméstica”.

De fato, os diários preenchidos permitiram constatar que as tarefas domésticas mais braçais, tais como lavar roupas, lavar vasilhas, cozinhar, de uma maneira geral, não fazem parte do cotidiano das mulheres executivas. Estas tarefas são asseguradas por empregados domésticos, em sua totalidade, mulheres, as quais exercem funções como: empregado para serviços gerais (empregada doméstica), faxineira e babá. A presença de empregados domésticos é uma realidade incontestável no cotidiano familiar. Com exceção de um caso, todas as executivas possuem pelo menos um tipo de empregado doméstico, sendo que 7 executivas declararam possuir entre 4 e 5 empregados domésticos.

Se as tarefas mais rotineiras e braçais são delegadas aos empregados, como a mulher executiva gasta estes 45 minutos de trabalho doméstico presentes nos diários de Usos do Tempo? Fundamentalmente com duas atividades: as tarefas parentais e o gerenciamento do domicílio.

### **O pouco compartilhamento da responsabilidade pelas tarefas parentais**

Constatou-se que a maior parte do trabalho doméstico, levantado nos diários das mulheres executivas, diz respeito aos cuidados com os filhos, com taxa de ocorrência de 48%. Este cuidado com os filhos envolve, no caso das mulheres executivas, principalmente, ensinar à criança. Em seguida, aparecem as atividades de ler, jogar e brincar, cuidados físicos e supervisão. Os dados coletados no questionário indicam também que todas as tarefas parentais estão sob a responsabilidade principal da mulher executiva, a saber: a responsabilidade em acompanhar o dever dos filhos, de escolher e inscrevê-los em atividades culturais e esportivas, de comprar presentes para os coleguinhas dos filhos e de acompanhá-los ao médico.

Na situação da entrevista, observou-se que a figura da mãe, responsável pela educação e pelo cuidado dos filhos, resta ainda muito forte. A figura do pai é pouco evocada e tudo indica que sua presença é, sobretudo, complementar e acessória.

Conforme afirma uma das entrevistadas: “É natural que eu como dona de casa, como mãe de família preocupe com o que a gente vai comer então quem tem que fazer compra sou eu porque eu coloco aqui em casa o que eu quero que todo mundo coma, entendeu?”

Buscando justificar uma distribuição desigual das tarefas parentais entre o casal, as mulheres recorrem, com frequência, ao argumento da “habilidade” e da



“competência”, como se elas possuíssem determinadas competências que os homens não possuem. O argumento da natureza pode ser identificado em frases, como: “o homem não tem perfil para isto”, “o homem é mais largado”, “o homem não sabe fazer isto”, “algumas coisas são próprias da mulher”, “a mulher é mais cuidadora”, entre outros. Uma das executivas explica:

A divisão do trabalho doméstico entre os membros da minha família não é exatamente injusta... Até porque tem algumas coisas que eu acho que o homem nem tem perfil pra fazer, por exemplo, é... escolher um presentinho pra uma coleguinha da minha filha... entendeu? Então, eu não sei se eu posso colocar isso na linha da injustiça, ou simplesmente eu acho que não faz sentido porque se ele fizer vai vir alguma coisa errada, inadequada. Então, tem algumas coisas que eu acho que são próprias da mulher.

Mesmo constatando-se uma forte associação entre as mulheres e o cuidado com os filhos, isto não significa que os cônjuges não realizam tarefas parentais. Eles as realizam e, conforme será abordado a seguir, estas tarefas parentais possuem também uma grande recorrência nos diários preenchidos pelos cônjuges. Entretanto, a participação do cônjuge é seletiva e voltada principalmente para a execução de tarefas. A responsabilidade principal pelo planejamento, pela organização e pela sincronização das atividades, envolvendo os filhos, é da mulher executiva.

O depoimento de uma das executivas é bastante representativo e torna mais claro o que significa, em termos práticos, ter a responsabilidade pelo cuidado com os filhos:

Eu planejo tudo. Por exemplo, eu deixo a merenda da escola do meu filho programada para a semana toda. Eu faço o planejamento da semana geralmente no fim de semana. Aí eu programo tudo. Se eu compro morango, por exemplo, que é perecível, eu programo para os primeiros dias da semana. E é assim...

### **O gerenciamento do domicílio e a modernização da figura da “dona de casa”**

Conforme foi citado anteriormente, a atividade de gerenciamento de domicílio é a segunda mais recorrente no diário preenchido pelas mulheres executivas. As mulheres executivas deste estudo gerenciam muito mais do que executam o trabalho doméstico, e o empregado doméstico é a figura-chave para a compreensão da dinâmica familiar no que se refere aos usos do tempo.

De fato, as mulheres executivas, de uma maneira geral, afirmam que o papel que a empregada doméstica exerce no domicílio é fundamental para que seja possível a articulação entre a carreira e a família. Muitas executivas, principalmente as que possuem filhos, chegaram a afirmar que sem o suporte da empregada doméstica, não conseguiriam articular carreira e família, conforme afirma uma executiva: “A empregada doméstica é muito importante, muito, muito, muito, muito, muito. Realmente... (...) Nossa, determina realmente no mínimo 50 a 60% do sucesso atribuído. A assistência que você tem em casa. Porque, do contrário, não dá.”

É importante ressaltar que, em muitos casos, a divisão do trabalho doméstico é abordada pelas executivas como se esta divisão ocorresse entre ela e a empregada, e não entre ela e o cônjuge. De fato, a delegação do trabalho doméstico aos empregados conserva um caráter sexuado, já que são as mulheres as principais responsáveis pelas atividades de recrutamento, seleção e supervisão de domésticos. O compartilhamento com o cônjuge, neste caso, revelou ser a exceção e não a regra.

Isto significa que, apesar de que as mulheres executivas não se envolvem com a realização de tarefas domésticas mais rotineiras, são elas que, em sua grande maioria, administram a casa. A questão da articulação entre carreira e família é vista como uma questão de “administração de tempo”, de “planejamento” e de “organização”. Observa-se a utilização, pelas executivas, de um vocabulário tipicamente organizacional, o qual pode ser devido ao fato de que a vida familiar, tal como a carreira, para estas mulheres, é algo que deve ser administrado. Como disse uma das entrevistadas: “você administra fora e dentro de casa”.

Uma das entrevistadas explica o papel atribuído ao planejamento em sua vida:

Sem um planejamento diário, eu não conseguiria realmente. O planejamento do trabalho na empresa e dos afazeres da casa. Eu tenho um cronograma, eu começo uma semana já tendo uma visão clara de tudo. (...) Realmente eu tenho que trabalhar com uma agenda, que está ligada a data, hora, o quê... Sem um planejamento mesmo você acaba não realizando tão bem quanto deveria as duas coisas. Tem que haver porque te dá um norte...

Observou-se no discurso de algumas executivas uma ênfase na habilidade que a mulher tem de conciliar a carreira e a família. Esta suposta habilidade das mulheres é confrontada com o discurso sobre a inabilidade dos homens de fazer o mesmo. Este discurso centrado em “habilidades”, o qual busca justificar o fato de que são as mulheres, e não os homens, as principais responsáveis pelo doméstico,

pode transformar-se em uma profecia autorrealizadora, pois, de tanto acreditar que a mulher sabe articular e o homem não o sabe, o que era uma crença pode tornar-se uma realidade. Difícil é sair deste círculo vicioso. O discurso de uma das executivas mostra de que maneira a habilidade supostamente feminina de “articular trabalho e família” é generalizada e considerada como um “triunfo”: “Com relação à vida privada, eu acho que os homens ficam muito mais estressados para conseguir conciliar tudo como a gente (risos). A gente sabe administrar mais”.

### **O tempo livre: o descanso e a socialização com a família**

Conforme foi apontado anteriormente, no caso das mulheres executivas, o tempo de lazer é o terceiro tempo mais longo, em termos de duração. De fato, as mulheres executivas abordam bastante, na situação de entrevista, este tempo livre que possuem durante a semana. Os diários mostraram que, durante um dia da semana, as mulheres gastam em média 1 hora e 10 minutos com meios de comunicação de massa; 1 hora e 6 minutos com atividades computadas como lazer (principalmente socialização com a família); 58 minutos, com esporte, e 40 minutos, com a prática de um hobby. Ou seja, para as mulheres executivas, o tempo livre representa um tempo noturno, após a chegada do trabalho, o qual envolve principalmente os meios de comunicação de massa, o lazer e a socialização com a família, a prática de um esporte e, por último, um hobby.

Na situação de entrevista, este tempo de lazer foi relacionado, pelas executivas, ao tempo doméstico, de caráter residual. Ou seja, as executivas afirmaram que possuíam algum tempo para ficar com a família, ver televisão, descansar, entre outras atividades, justamente porque não realizavam trabalho doméstico. O depoimento de uma executiva exemplifica a relação que estas estabelecem entre este tempo livre e a ausência de trabalho doméstico: “Dia de semana eu não faço nenhum trabalho doméstico. Eu fico só com minha filha e com meu marido”.

### **Usos do Tempo em um fim de semana**

O preenchimento dos diários dos Usos do Tempo, em um sábado, mostrou que, embora o trabalho doméstico apareça com maior frequência aos fins de semana, ele ainda permanece residual, em relação aos outros tempos. Observa-se que o tempo para cuidados pessoais continua a ser o mais expressivo, em torno de 12 horas, seguindo-se do tempo de lazer; 7 horas e 50 minutos, do tempo profissional; em torno de 2 horas e 35 minutos e do tempo doméstico,

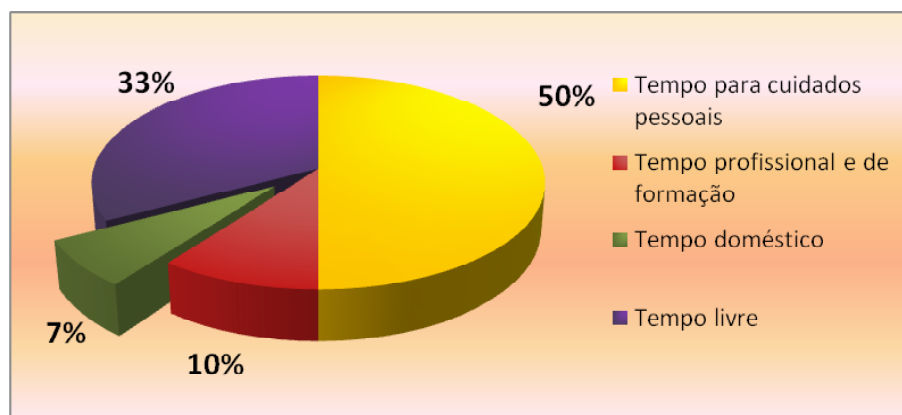
em torno de 1 hora e 40 minutos. De fato, mesmo que muitas executivas não cumpram expediente na empresa no sábado, este tempo profissional é ainda mais importante, em termos de duração, do que o tempo dedicado ao trabalho doméstico.

**Tabela 02 – Distribuição de usos do tempo em dia de fim de semana para executivas (n=41)**

	Tempo cuidados pessoais	Tempo profissional e de formação	Tempo doméstico	Tempo livre
Média (em minutos)	720	147	103	470
Desvio padrão	134,12	233,54	103,05	154,79

Fonte: Cyrino, 2010, p. 206

**Gráfico 03- Distribuição de usos do tempo em fim de semana para executivas (n=41)**



Fonte: Cyrino, 2010, p. 206

Na situação de entrevista, o sábado é descrito como um dia para descansar e para ficar com a família. Com relação ao trabalho doméstico, mesmo se ele é mais longo, em termos de minutos, comparando-se com um dia de semana, cumpre ressaltar que as mulheres executivas não o sentem, de maneira geral, nem como rotina e nem como algo “penoso”. Uma executiva explica:

Final de semana não faço nada de rotina da casa. Às vezes até arrumo o armário, mas é terapêutico, me dá prazer... Não é uma obrigação mesmo. Lavar a louça do café é até uma terapia. Poderia deixar para a empregada lavar na segunda, mas não me custa nada. Isto até faz parte, como uma demonstração, um exemplo de que isto faz parte do contexto da vida.

### **Divisão de Usos do Tempo na família**

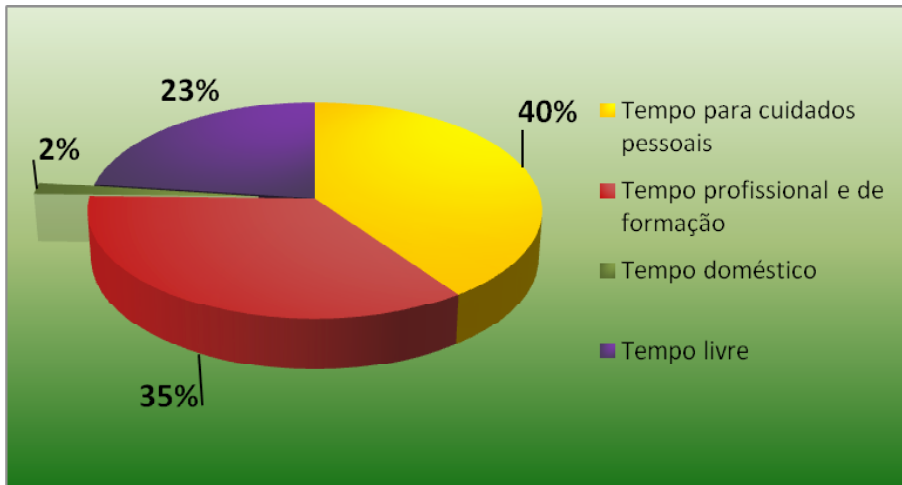
É importante agora analisar a distribuição de usos do tempo entre os cônjuges em um dia da semana, para que possamos compreender melhor o funcionamento da dinâmica familiar no que se refere à organização da vida cotidiana. Antes de apresentar os resultados da pesquisa de Usos do Tempo realizada com os cônjuges, é importante ressaltar que, das 47 mulheres executivas, 31 possuem um cônjuge, sendo que 64% destes cônjuges preencheram o questionário e participaram da entrevista, e 45% se dispuseram a preencher o diário de Usos do Tempo em um dia da semana.

Apesar da representatividade parcial dos dados coletados nos diários dos cônjuges, torna-se importante ressaltar que estes se mostraram coerentes com os dados colhidos na situação da entrevista. De fato, uma análise comparativa só foi possível através do cruzamento das informações obtidas através dos diários, do questionário e da entrevista. Tais dados, em seu conjunto, ajudam a esclarecer alguns pontos obscuros, levando-se em conta a complexidade da questão da organização da vida cotidiana e da divisão do trabalho doméstico entre os membros de um domicílio.

**Tabela 03 – Distribuição de usos do tempo em dia de semana para cônjuges (n=14)**

	Tempo cuidados pessoais	Tempo profissional e de formação	Tempo doméstico	Tempo livre
Média(em minutos)	579	506	25	330
Desvio padrão	105,29	232,34	142,35	236,76

Fonte: Cyrino, 2010, p. 201.

**Gráfico 04: Distribuição de usos do tempo em dia de semana para cônjuges (n=14)**

Fonte: Cyrino, 2010, p. 201.

Comparando-se a divisão dos usos do tempo das executivas e dos cônjuges, observa-se que o tempo doméstico também é residual entre os homens, o que demonstra que o trabalho doméstico, no domicílio familiar, é muito mais realizado pelos empregados domésticos do que dividido entre o casal. De certa maneira, a presença de empregados domésticos representa uma estratégia de articulação que nem sempre coloca em questão a divisão tradicional do trabalho doméstico entre os sexos.

Constata-se que, enquanto a mulher gasta 45 minutos diários com trabalho doméstico, o homem gasta apenas 20 minutos. Além disto, os cônjuges, pelos dados dos diários, trabalham na empresa, em média, 1 hora a menos que as executivas. Ou seja, os dados indicam uma desigualdade de gênero com os cônjuges trabalhando menos tanto na empresa quanto em casa.

Com relação ainda ao trabalho doméstico, observam-se diferenças qualitativas no uso do tempo de homens e mulheres. Ainda que o “cuidado com as crianças” seja a mais recorrente, tanto no diário das executivas quanto no de seus cônjuges, atividades de gerenciamento possuem recorrência de 19% no diário das executivas e de apenas 7% no diário dos cônjuges. Por outro lado, atividades de manutenção do domicílio, tais como consertos e reparos, possuem uma recorrência de 15% nos diários dos cônjuges e de apenas 4% no diário das executivas. Observam-se, portanto, na divisão das tarefas domésticas, a persistência de aspectos da divisão sexual do trabalho.

Outra diferença qualitativa em relação ao uso do tempo observada nos diários refere-se ao cuidado com as crianças. No caso das mulheres, esta atividade se concentra fundamentalmente no acompanhamento do dever de casa e, para os homens, se concentra nas atividades de ler, jogar e brincar com a criança. Isto significa que, para que se compreenda o trabalho doméstico dentro de uma perspectiva de gênero, torna-se importante mensurar tanto o tempo dedicado ao doméstico quanto a maneira como este tempo é utilizado. Neste sentido, um tempo doméstico relativamente próximo entre homens e mulheres não significa necessariamente sinônimo de equilíbrio e nem de igualdade.

Se o tempo doméstico e o tempo profissional dos cônjuges são menores em relação ao tempo das executivas, cumpre ressaltar que o tempo de lazer, no caso dos homens, é maior. Embora este tempo seja maior, não se observaram diferenças qualitativas em relação ao uso do tempo entre homens e mulheres, pois as atividades que ocupam mais o tempo dos cônjuges são, em ordem de frequência, as mesmas que ocupam mais o tempo das executivas, ou seja: meios de comunicação de massa e lazer, principalmente socialização com a família.

Cumpre ressaltar ainda que foram observadas algumas situações de gerenciamento compartilhado do doméstico. Tais situações indicam que o trabalho doméstico em si e a própria gestão do doméstico são realizados de forma conjunta pelo casal. Nestas situações constata-se um forte processo de negociação de agendas, e o casal assume, junto, o planejamento e a organização da vida doméstica, inclusive a sincronização de horários e a busca de soluções alternativas aos problemas. Tais situações de gerenciamento compartilhado parecem trazer um considerável nível de satisfação, para ambos os cônjuges. De acordo com o depoimento de uma executiva: "Lá em casa funciona super bem. A casa é nossa e a gente faz tudo junto, pensa junto, planeja junto, é muito bom".

## **Conclusão**

De uma maneira geral, os dados permitiram verificar a existência de uma situação desigual de distribuição de trabalho doméstico entre o casal. Os diários de Usos do Tempo, os questionários e as entrevistas mostraram que as mulheres executivas possuem uma carga superior de trabalho, tanto na empresa quanto em casa. Apesar disso, a maioria (67,5%) que vive com filho(s) e/ou companheiro considera a divisão do trabalho doméstico justa. Dito de outra forma, não há um alinhamento evidente entre desigualdade e sentimento de injustiça. Uma situação desigual não é vista necessariamente como injusta.

Do ponto de vista doméstico, os dados mostraram que a presença de uma mulher executiva em um cargo de direção nem sempre altera a configuração

familiar em direção a relações de gênero mais igualitárias. A presença de empregados domésticos, por exemplo, revelou ser uma estratégia que não coloca em questão a divisão sexual tradicional do trabalho doméstico, o qual permanece sob a responsabilidade de “mulheres”. Além disto, com a presença do empregado doméstico, o “peso” do doméstico tende a diminuir consideravelmente, contribuindo para que as mulheres executivas utilizem seu tempo “livre” de maneira mais importante, se comparado com outras categorias profissionais.

Cumprе ressaltar que, mesmo se a participação do cõnjuge nas tarefas domésticas é ainda seletiva, observaram-se situações de gerenciamento compartilhado do doméstico entre o casal, as quais significam a possibilidade de uma recomposição das relações de gênero em direção a uma maior igualdade entre os sexos. Entretanto, tal recomposição não é algo fácil porque ela coloca em questão crenças arraigadas sobre o que significa “ser homem” ou “ser mulher” na nossa sociedade. Tais crenças contribuem para reforçar um caráter de “naturalidade” com relação a uma divisão mais tradicional do trabalho doméstico, definindo “lugares” e “territórios” para homens e mulheres. O caráter de naturalidade pode impedir a percepção de uma situação de desigualdade e pode oferecer resistência à mudança, tanto da parte de homens quanto da parte de mulheres.

Neste sentido, eu termino este artigo com algumas questões para reflexão: de que maneira as características atribuídas a homens e mulheres contribuem para manter o doméstico a elas associado? Até que ponto as crenças sobre uma suposta natureza feminina ou masculina não fazem parte do processo de organização do espaço doméstico? Até que ponto se pode avançar em direção a uma maior igualdade doméstica entre homens e mulheres, sem se questionarem estes pressupostos acerca do que significa ser homem e ser mulher?

## Referências

AGUIAR, Neuma. **Livro de Código- Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado- Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais: Um Projeto Piloto para Zonas Metropolitanas Brasileiras.** UFMG/CNPq., Belo Horizonte, 2001.

\_\_\_\_\_. **Múltiplas Temporalidades de Referência- Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado - Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte.** Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2000.



- BLUNDEN, Katherine. **Le Travail et La Vertu: Femmes au Foyer – Une Mystification de La Révolution Industrielle**. Paris: Payot, 1982.
- BRUSCHINI, Cristina. Gênero e Trabalho no Brasil: Novas Conquistas ou Persistência da Discriminação? In: ROCHA, Maria Isabel. (org.). **Trabalho e Gênero: Mudanças, Permanências e Desafios**. Campinas: CEDEPLAR, 2000, pp. 13-58 .
- BRUSCHINI, Cristina & PUPPIN, Andrea. Trabalho de Mulheres Executivas no Brasil no Final do Século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, 2004, pp. 105-138.
- CACOUAULT-BITAUD, Marlaine. (2003). La sociologie de L'éducation et Les Enseignants. Travail du Genre - Cherchez la Femme. In : LAUFER, Jaqueline; MARRY, Catherine; MARUANI, Margareth. **Les Sciences Sociales du Travail à L'épreuve des Différences de Sexe**. Paris : La Découverte/MAGE, 2003, pp.163-180
- CAPPELIN, Paola. **Conciliar Vida Familiar e Trabalho em Tempo de Crise do Emprego**. Trabalho apresentado no XII Congresso Brasileiro de Sociologia, Belo Horizonte, 2005.
- CHARLES, Maria & GRUSKY, David. **Occupational Guetos - The Worldwide Segregation of Women and Men**. Stanford: Stanford University Press, 2004.
- CYRINO, Rafaela. **A Construção Social da Temporalidade e a Articulação entre Trabalho Doméstico e Assalariado: O Caso das Mulheres Executivas**. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- DEDECCA, Claudio. **Tempo, Trabalho e Gênero**. Campinas: IE/ Unicamp, 2004.
- DERR, Clyde. **Managing the New Careerists**. San Francisco : Jossey-Bass, 1986.
- DE SINGLY, François. **L'Injustice Ménagère**. Paris: Armand Colin, 2007.
- DUMONTIER, François; PAN KÉ SHON, Jean-Louis. **Enquête Emplois du Temps 1998-1999- Description des Activités Quotidiennes**. Paris: INSEE, 2000.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FELDBERG, Roslyn; GLENN, Evelyn. Male and Female: Job Versus Gender Models in The Sociology of Work. **Social Problems**, vol.26, n°5, 1979, pp.524-538
- FISCHER, Kimberly; ROBSON, John. **Daily Routines in 22 Countries: Diary Evidence of Average Daily Time in Thirty Activities**. Oxford, UK: Center for Time Use Research, University of Oxford, 2010.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Le partage domestique: économie des servitudes et du partage. In : HIRATA, Helena. & SENOTIER, Danièle (org.). **Femmes et Partage du Travail**. Paris : Syros, 1996, pp.87-101.
- HIRATA, Helena. Introduction. In : \_\_\_\_\_; SENOTIER, Danièle. (org.). **Femmes et Partage du Travail**. Paris : Syros, 1996, pp.7-21.
- LAUFER, Jaqueline. Femmes et Carrières - La Question du Plafond de Verre. **Revue Française de Gestion**, n° 151,2004, pp.117-127.
- NOWOTNY, Helga. **Le Temps à Soi-** Genèse et Structuration d'un Sentiment du Temps. Paris : Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1989.
- PENTLAND, Wendy; HARVEY, Andrew; LAWTON, Powell. **Time Use Research in the Social Sciences**. New York: Kluwer Academic, 1999.
- SCOTT, Joan. Género: Uma Categoria Útil para los Estudios Históricos. In: LAMAS, Marta (org). **El Género: La Construcción Cultural de la Diferencia Sexual**. Cidade do México, PUEG, 1997, pp.265-302

SHAW, Sue. Leisure, recreation or free time? Measuring time usage. **Journal of Leisure Research**, v.18, n.3, 1986, pp.177-189.

SOUZA, Márcio Ferreira de (org.). **Desigualdades de Gênero no Brasil: Novas Ideias e Práticas Antigas**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

TAHON, Marie-Blanch. **Sociologie des Rapports de Sexe**. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2004.

### **Resumo**

Este artigo discute a questão do trabalho doméstico a partir de um estudo realizado em 2007 com 47 executivas que trabalham em grandes empresas de Belo Horizonte. A associação de uma pesquisa de Usos do Tempo com a realização de entrevistas permitiu confrontar o discurso enunciado pelas executivas com a prática social, contribuindo para elucidar o entrelaçamento entre as dimensões material e simbólica da vida social.

**Palavras-chaves:** usos do tempo, trabalho doméstico, mulheres executivas.

### **Abstract**

This paper discusses the issue of domestic labor from a study carried out in 2007 with 47 business women working at large companies in Belo Horizonte. The association of Time-Uses method with individual interviews allowed contrast the discourse by business women and social practice, thereby contributing to a clearer view on the entanglement between the material and symbolic dimensions of social life.

**Keywords:** uses of time, domestic work; business women.